

A CORAGEM DE CRIAR

um esboço do meu filho Christiano

por rubens jardim

A liberdade da criança é concreta,

Hoje, pela manhã, estava dando uma espiada na TV quando vi o Gaiarsa. Como acontece quase sempre, ele me provoca muito estímulo. Me instiga a pensar, fazer associações, avaliações, reavaliações, interpretações. Em suma, ele me leva a reflexões. Desta vez, o problema abordado referia-se à relação de agressividade de um menino com a sua família. Entre outras coisas, o Gaiarsa enfatizou esta questão: a impossibilidade de se criar uma criança dentro de um apartamento. Para ele, todos os aprendizados mais significativos dessa fase --que vai dos 4 aos 10 ou 11 anos -- são fundamentalmente corporais. A única coisa que importa, segundo ele, são os movimentos e as relações de convívio. Por isso, sugeriu à inquieta mãe que mandasse o garoto o mais rápido possível para uma escola, onde ele teria a oportunidade de exercitar seu corpo e suas relações com outros meninos de sua idade. E, aproveitou a deixa para criticar o fato de as escolas terem tão pouco tempo de recreio. Na verdade, ainda segundo ele, seria excelente se as escolas acabassem com essa besteira de aprendizados curriculares. Ele chegou a dar um ultimatum, esbravejando: Chega de gramática e de matemática!

No seu modo de ver, as crianças deveriam apenas e exclusivamente brincar. Brincar e conviver. Com-viver. Claro que orientadas por adultos habilitados que poderiam esclarecer determinadas dúvidas, elucidar algumas questões específicas, intermediar desentendimentos e colaborar na criação e ordenação de jogos e devaneios. É gozado, mas isso me faz lembrar Platão e a Grécia antiga. Era lá que Sócrates e outros filósofos colocaram em prática idéias originais a respeito dos processos de conhecimento --a tal da epistemologia-- e dos processos de aprendizagem. A maiêutica socrática, por exemplo, era totalmente centrada na pessoa. Era uma espécie de trazer à luz, de desentranhar da escuridão, de conquistar a claridade. Mas como isso não vêm muito ao caso, vamos retornar ao Gaiarsa e às suas instigações mentais.

Ele mencionou também o fato de que toda criança é um espelho perfeito dos pais. E não só dos pais aparentes. Ou seja, daqueles que estão sendo claramente mostrados e vivenciados pelos filhos. Mas também dos pais implícitos e obscuros, aqueles que estão afogados em seus próprios dilemas interiores e em seus conflitos secretos.



pragmática, flexível e funcional.



Todos os sinais --do aparente e do inaparente -- são capturados e percebidos pela criança. E como ela ainda vive em estado de diamante bruto, as suas manifestações são muito diretas e muito concretas. E tudo isso pode causar espanto e perplexidade. Mas deve-se entender que a criança não sabe usar os diferentes filtros civilizatórios. A ironia, a mordacidade, expressões dissimuladas ou alusões ferinas não fazem parte do seu repertório de liberdade. A liberdade da criança é concreta, pragmática, flexível e funcional. Não tem nada de ideológico, de superestrutura, de abstração. A criança também não tem nada de escuso ou de oculto. Para ela não há lugar para disfarces, sutilezas, filigranas e formalidades. No seu mundo não há restrições à vida. Tudo pode ser vivido, divulgado, comentado, tornado público: como se vive, o que se faz, como são os pais, os irmãos, etc.

É isso, enfim, que é especificamente infantil. É algo de selvagem que ignora o polimento, o fraseado, a retórica, o teatral. É algo que não foi maquiado ou dissimulado. É o diamante bruto que rejeita determinadas lapidações. E não adianta colocar sininhos no pescoço. Ou apregoar outros comportamentos, impor regras rígidas demais, exemplarizar com aquele outro garoto filho de não sei quem que é tão educadinho...etc.

A desenvoltura e a especificidade corporal e espiritual da infância pairam bem acima dessas banalidades que constroem e configuram o nosso mundinho de medos e arremedos --e de tantos ajustes desnecessários. Acho que é preciso confiar mais na vida e nos mistérios que a circundam e nutrem.

E como fica o Chris, anjo rilkeano de mim, diante desse coquetel molotov de interpretações?

Ele foi criado em apartamento e nós, seus pais, nunca tivemos uma relação perfeita, simétrica, equilibrada. Muito pelo contrário. Tivemos dificuldades de toda a ordem. E todas elas eram explosivas, confusas e ameaçadoras. Nossos percalços eram, em geral, até mais espalhafatosos do que é comum aos mortais da nossa famigerada classe.

Apesar disso, o Chris é uma criança fora de qualquer padrão. Tem uma suavidade e uma doçura que eu nunca senti existir em ninguém.



O Chris nunca significou limitação. Ou impedim

Ele é íntegro e integrado. Tem uma harmonia corporal e espiritual, raramente vislumbrável. E acho que por isso jamais ficou doente. É compreensivo como um velho sábio zen. Só chora muito raramente e, em geral, por questões afetivas. Ou por desapontamento. Não é reclamão, nem birrento. E ainda assim não é uma maria-vai-com-as-outras. Tem seu jeito de ser, seus modos de perceber, de assimilar e manifestar seu mundo mágico.

Fica satisfeito e feliz tanto com isso como com aquilo. Sabe esperar como ninguém. E sabe também desfrutar do prazer existente em cada coisa. Seja uma paisagem, uma flor, uma música, um brinquedo, um carinho mais prolongado, um pequeno animalzinho --ou até suas lições de casa. O Chris é bem aquele tipo de pessoa que tira leite da pedra. Até o seu despertar é algo espetacular, radiante. É sol, sempre sol -- acima de qualquer nuvem.

Mas por que será que ele é assim, tão perfeito e tão companheiro? Será que as nossas tresloucadas viagens, iniciadas quando ele tinha menos de 1 ano, serviram para construir nele uma relação interativa

com qualquer realidade? Será que o seu corpo e a sua alma, habituados a enfrentar mudanças tão bruscas e abruptas, acabaram por edificar a paz --que é equilíbrio em movimento?

Acho que no rastreamento do visível, esses são alguns aspectos relevantes do seu bem estar aqui. Pelo menos são indicadores, mais ou menos absurdos, das peculiaridades existenciais compartilhadas por nós. O Chris sempre teve acesso ao universo de sua origem. Os símbolos mais estranhos e mais entranhados que sempre nortearam os apelos da entrega amorosa, foram vividos por nós --implícita e explicitamente-- junto com ele. Ou ao redor dele.

Nunca a sua presença ou a sua simples existência significou alguma limitação. Ou impedimento. Pelo contrário. A sua simples e total presença sempre foi vivenciada por nós como uma ampliação do nosso ser, um soerguimento natural da nossa vida. Até o sexo --pulsão limítrofe da nossa animalidade transfigurada -- foi ampliado e coroado por sua participação.



mento. Nunca foi um anexo. Ou um apêndice.



Ele é a testemunha radical de todo e qualquer movimento nosso. Até a nossa intimidade acasalante foi devassada por ele. O Chris participa da nossa vida, das nossas dificuldades, dos nossos sonhos, das nossas alegrias. Ele não é um anexo. Um apêndice. Ou um nicho de curtições momentâneas. Na prática concreta de todas as circunstâncias de nossa vida, ele está presente. Desde as minhas idas e vindas até a construção de nossa casa em Cotia, às lojas de material de construção, às demolições e aos piores momentos de crise e aos cruciais instantes de comunhão plena e apaziguamento, o Chris é a testemunha que me acompanha até o curso surpreendente do viver. Ele partilha comigo e com a Ana, seus pais, de tudo aquilo que acontece e não acontece em nossas vidas. Ele acompanha nossos vislumbres. Conhece nossas miragens. Percebe nosso estado de ânimo. Adivinha nossa disponibilidade. Confraterniza com nossas pequenas conquistas. Vivencia nossas derrotas e nossos desapontamentos. Desvenda nossos êxtases. Amplia a nossa fé.

Nenhum horizonte, nenhuma perspectiva, nenhum plano foi esboçado sem a sua participação. Ele nunca recebeu nada pronto, mastigadinho. Ele participa de todos os processos e de todos os meandros do fazer e do sonhar. Pode ser que essa simples e singela questão --o fazer parte e o estar incluído -- seja de vital importância na construção dos alicerces mais primários e primitivos da afetividade. É a sua significação como ser humano que está sendo reforçada. Suponho mesmo que esta forma de relacionamento tenha contribuído na integração do seu Self, o seu si-mesmo, a sua totalidade psíquica. Todos nós que já fomos feridos por essa seta impregnada de sinais, sabemos disso. Aliás, todos nós já fomos e ainda somos excluídos e rejeitados uma porção de vezes. Mas é na infância que isso dói mais fundo. Depois, bem ou mal, nos arranjamos com essa realidade. Criamos proteções, máscaras, defesas e até rancores gratuitos e inconscientes. Driblamos o nosso próprio espanto. Ocultamos a nossa própria perplexidade. Amortecemos a nossa própria --ou imprópria dor. Tentamos conter a nossa verdadeira indignação. Ou controlar nossa legítima carência. Mas no fundo ela perdura como chaga aberta, ferida incicatrizável, vazamento não localizável, delimitação do ilimitável.

